

TERCEIRO MUNDO

Economia - Brasil

Com enormes esforços o Brasil está saindo da crise, diz Galvêas

"Com enormes esforços e trabalho duro o Brasil está-se libertando da crise", afirmou o ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, ao discursar ontem em almoço da Associação Comercial Brasil-Estados Unidos em Nova York, mas advertiu também para o perigo das altas taxas de juros e exigiu das nações ricas uma mudança na estrutura econômica mundial.

Afastando-se do texto escrito, segundo informou a UPI, Galvêas disse que as coisas vão tão bem que, nesta época, no ano passado, o Brasil enfrentava um pagamento de US\$ 3 bilhões e, agora, tem nos bancos 5,5 bilhões. Indicou que o Brasil está agora "à beira de ajustar suas contas externas com um incremento em suas exportações maior do que o esperado e com substancial superávit comercial".

Galvêas estimou que a economia brasileira crescerá neste ano de 2 a 3%, sendo que a expansão se tornará mais marcante em 1985. Acredita, também, que o País terá em 1984 um superávit de 0,5% em seu orçamento fiscal.

ESTIMATIVA

Para o ministro brasileiro, a economia mundial está melhorando. Estima que a economia dos Estados Unidos crescerá "mais de 7% e o mesmo será o crescimento do comércio internacional". Destacou que o principal elemento novo neste panorama mundial é o fato de que muitos países progrediram bastante no ajuste de suas balanças de pagamento e na adaptação aos altos custos da energia.

Explicou que talvez, de certo modo, a absorção total das consequências da crise da energia ainda não se tenha produzido, mas os preços do petróleo deixaram de ser há tempo a principal fonte de desequilíbrio e problema para a economia mundial.

Mais adiante expressou: "Hoje em dia os países desenvolvidos enfrentam outra vez taxas de juros elevadas nos mercados mundiais. Isso os forçará a reduzir ainda mais suas importações, se não se permitir que suas exportações cresçam o suficiente para gerar as receitas para poder pagar os juros mais

elevados. Já não pode haver nenhuma dúvida: os grandes déficits no orçamento dos EUA e as consequentes taxas de juros elevadas estão afetando a economia norte-americana da mesma forma que estão prejudicando os países em desenvolvimento tão endividados que se encontram no ponto mais profundo da crise financeira mundial. Esses são os problemas maiores e mais ameaçadores que a economia mundial enfrenta hoje.

BUSCA DE SOLUÇÕES

Disse que a busca de uma solução adequada "deixou de ser uma reclamação dos países em desenvolvimento e passou a ser uma preocupação direta da economia dos EUA, do governo dos EUA. Não pode haver mais demora. Os EUA e outros países industriais terão de enfrentar com maior decisão os passos necessários para realizar seus próprios ajustes ante as angustiantes condições econômicas do mundo".

Acrescentou que o Brasil realizou "vigoroso programa de austeridade que nos está tirando da crise, inclusive estamos ficando muito menos vulneráveis aos efeitos da crise. Embora não se possa assegurar que a economia brasileira já está marchando para uma recuperação plena, alguns indicadores econômicos importantes indicam que o País está marchando novamente rumo ao crescimento econômico".

Finalmente, fez uma crítica ao protecionismo, referindo-se às medidas que impedem "a expansão do comércio mundial", assinalando: "Estamos firmemente convencidos de que esta não é a atitude necessária para superar a crise e reativar a economia mundial".

Disse que "é um erro perigoso pensar que os problemas da dívida internacional e a recuperação econômica estão solucionados. A reestruturação da dívida dos principais países devedores e certa expansão no volume do comércio internacional, que se viu neste ano, são apenas fatores modestos na complexa situação. As raízes profundas da negociação ainda estão aí".